

Garangó: da personificação à desmistificação de uma lenda

Maria Luzia Oliveira Andrade

Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil
luzia-andrade@hotmail.com

Este trabalho analisa Garangó, personagem de *Coivara da memória*, de Francisco J. C. Dantas, como a representação da lenda do caipora. Com isso, a representação do interior centro-sul de Sergipe e de suas tradições aparecem como um painel cultural. A prática da coivara, hábito local de queimar a terra tanto com o objetivo de prepará-la para o cultivo quanto com o propósito de espantar os maus espíritos, associada à lenda do lobisomem e do caipora, criatura mítica responsável por tomar posse do espírito das pessoas, compõem e configuram um universo interiorano configurado nesta recente produção literária. Nesta representação, as lendas são construídas e reconstruídas através do poder (des)mistificador da memória do sujeito-narrador dessa obra.

Palavras-chave: Garangó, caipora, coivara, lendas, cultura.

This work analyzes Garangó, character of *Coivara da memória*, of Francisco J. C. Dantas, as the representation of the legend of the goblin. With that, the representation of the interior center-south of Sergipe and of your traditions they appear as a cultural panel. The practice of the coivara, local habit of burning the earth so much with the objective of preparing her/it for the cultivation as with the purpose of frightening the bad spirits, associated to the legend of the werewolf and of the goblin, responsible mythical creature for taking ownership of the people's spirit, they compose and they configure an universe configured in this recent literary production. In this representation, legends built and reconstructed through the power of the subject-narrator's of that work memory.

Keywords: Garangó, caipora, coivara, legends, culture.

1. INTRODUÇÃO

Coivara da memória (1991) é o primeiro texto ficcional da autoria do sergipano Francisco J. C. Dantas. As demais produções literárias deste escritor são *Os desvalidos* (1993), *Cartilha do silêncio* (1997), *Sob o peso das sombras* (2004) e *Cabo Josino Viloso* (2005). A crítica literária tem apontado o recurso rememorativo como um princípio norteador dessas narrativas. Sobre esse aspecto, Benedito Nunes ressalta a importância do tempo e da recordação na produção de Dantas. A nossa leitura considera o aspecto ludibriador da memória para pensar a construção do personagem Garangó de *Coivara da memória*. Tal personagem é apresentado com uma aura fantasmagórica, que paulatinamente é desconstruída pelo narrador-personagem da obra. Cumprindo prisão domiciliar em cartório, o escrivão e também narrador da trama tenta reconstruir as memórias de experiências vividas no Rio-das-Paridas, configuração da cidade de Riachão do Dantas, estado de Sergipe. A partir desse contexto e do quadrado de pedras no qual se inicia e termina a história, a lenda de lobisomens e caiporas personificam um personagem que carrega o estigma de margem social e de coisa sobrenatural.

Para tentarmos dar conta desta leitura interpretativa, este trabalho segue uma linha teórica dos Estudos Culturais. A título de esclarecimento, os estudos sobre literatura e cultura constituem um lugar teórico importante, em que a relação entre arte literária e cultura se constitui numa abordagem que visa colocar, no centro das discussões, uma reflexão acerca do indivíduo na e da sociedade. Tal relação é estabelecida no diálogo do texto literário com a sociedade, os hábitos, os valores e as híbridas tradições configuradas na linguagem literária. Assim, a representação cultural de um povo é, na literatura, um qualitativo indispensável ao estabelecimento de identidades culturais.

Na construção dessas identidades culturais, deve-se, no entanto, levar sempre em consideração o caráter híbrido das culturas, na medida em que a transculturação ou o multiculturalismo, isto é, a mistura, a multiplicidade de elementos locais e nacionais dentro de uma dada cultura, *a priori* regional, é a evidência de um discurso literário contemporâneo, cujo

centro representativo é uma espécie de aldeia nacional globalizante, onde os valores e as tradições se interagem e mesclam-se. Assim, as lendas, a princípio de uma determinada região, misturam-se com lendas de outras regiões. Com isso, surgem figuras lendárias, nas quais coexistem elementos e hábitos, não somente de uma localidade específica, mas de diversas localidades, de lugares quase recônditos, onde o tradicional e o contemporâneo misturam-se, convivem e formam um mosaico cultural multiforme e, ainda, confirmam o aspecto circular das lendas. Tal circularidade ocorre, conforme sugerimos, devido as características originalmente de determinadas criaturas míticas, presentes no imaginário social dos habitantes de uma determinada região, misturarem-se aos aspectos dos seres lendários de outras regiões.

A representação do interior de Sergipe e do conseqüente imaginário sócio-cultural do interior sergipano – mais precisamente da região centro-sul do estado, espaço configurado, onde se desenrola a narrativa dos personagens do Rio-das-Paridas – constitui-se num lídimo mundo mesclado das tradições rurais e dos valores citadinos contemporâneos. Nessa hibridez cultural, a prática da *coivara*, hábito local de queimar a terra tanto com o objetivo de prepará-la para o cultivo quanto com o propósito de espantar os maus espíritos, também representa, nesse texto de ficção literária, uma maneira de, através da queima da memória, dialogar com as tradições do passado ou, ainda, visitar o passado com os valores do presente, provavelmente, para que a tradição seja relida, reinventada e, com isso, sobreviva.

Nessa perspectiva, resgatar o passado, em especial as experiências, as tradições e as lendas de um povo, tanto é uma maneira de repensar o próprio passado com os valores atuais e poder colocá-lo em xeque – aferindo a sua importância cultural e o seu poder simbólico – quanto é “uma estratégia de interpretação do presente” (SAID, 1995, p.33). Assim, a atualização do passado enquanto o resgate de uma tradição perpassada dos valores culturais, ou melhor, dos modos de vida – se pensarmos em cultura num sentido mais amplo – de uma região, de um estado, de uma comunidade constitui, na literatura, a representação de um imaginário social, cuja representação é sempre um pretexto para a (re)elaboração dos valores culturais que perpassam o indivíduo no próprio convívio social.

Com isso, o narrador de *Coivara da memória* reconstitui um universo multiforme onde a lenda do *caipora*, as horas finais do Engenho Murituba – autêntica representação do declínio da economia canavieira e dos últimos coronéis do sertão sergipano – contrastam com os valores de indivíduos que não aceitam as tradições nem se rendem às convenções sociais da época, mas paradoxalmente, enxergam-se como parte constituinte de um modo de vida simples e arcaico. Dentro da reconstituição desse universo múltiplo, está o personagem Garangó – secundário na narrativa e periférico nas relações sociais representadas nesse texto de ficção – conforme uma autêntica encarnação das lendas e das credences populares presentes no interior sergipano.

2. GARANGÓ: PERSONIFICAÇÃO LENDÁRIA DE UM SUJEITO ESTIGMATIZADO

O diálogo entre *Coivara da memória* e hábitos culturais interioranos é visível, uma vez que, embora no sentido estrito, a intertextualidade tenha como objeto apenas as produções verbais, orais e escritas; no sentido amplo, a intertextualidade envolve todos os objetos e processos culturais tomados como texto (PAULINO, 2005, p.14), a exemplo das lendas e das tradições presentes no imaginário sócio-cultural de uma comunidade. Com isso, as produções humanas, embora aparentemente desconexas, encontram-se em constante interrelação (PAULINO, 2005, p. 12), quer seja no âmbito das representações oficializadas e legitimadas, portanto, canônicas ou em diálogo com um cânone, quer seja no âmbito das manifestações da cultura popular, quer seja ainda no âmbito das credences de um povo.

Ainda segundo Graça Paulino (2005, p. 12), “se se considerar toda e qualquer produção humana como um texto a ser lido, reconstruído por nós, a sociedade pode ser vista como uma grande rede intertextual, em constante movimento”. Daí podermos pensar o espaço da cultura como algo intertextual e, conseqüentemente, os elementos culturais em constante diálogo, influenciando-se mutuamente, e ainda acrescentando elementos novos uns aos outros.

Nesse contexto, insere-se *Coivara da memória*, cujo eixo de representação corresponde ao de uma época histórica, em que o fim dos engenhos de açúcar culmina com o desmascaramento de algumas lendas, presentes no imaginário popular do Nordeste do Brasil. É

o que ocorre com o personagem Garangó: um afro-descendente agregado da família Costa Lisboa, sobre o qual recai todo estigma de criatura estranha, arredia, demoníaca, enfim, descaracterizada do aspecto humano.

Garangó é uma espécie de ser misterioso que assusta a todos com o seu aspecto estranho de bicho do mato, cujo estigma do ser lendário, aos poucos, é contraposto ao de um indivíduo desvalido, rebaixado à condição subumana, para preservar a própria vida. Daí o processo de intertextualidade ocorrer, respectivamente, tanto dentro da cultura quanto dentro do texto literário, a exemplo de *Coivara da memória*. Sabe-se que é comum as pessoas viverem numa execrável condição subumana. Da mesma fora, na literatura, é constante a representação de inúmeros indivíduos humilhados, estigmatizados, enfim, lídimas configurações de indivíduos oriundos de um processo social injusto.

Conforme dissemos, a cultura pode ser considerada como parte integrante do processo intertextual; agora, na própria textualidade do texto literário, esse processo ocorre de forma mais evidente através da linguagem, pois, quer seja no âmbito cultural, quer seja no âmbito social, “o mundo em que os intertextos se situa, é o mundo do discurso” e mais ainda, “o mundo dos textos é o mundo dos intertextos. Esse mundo tem um vínculo direto com o mundo da realidade empírica” (HUTCHEON, 1999, p. 163), garantidos e legitimados pela representação literária.

Os interdiscursos ficam mais evidentes, no texto literário, na medida em que tanto a temática da obra quanto a região social representada interligam-se; por isso, respectivamente, apresentam personagens e espaço, que fazem farte e constituem lídimas configurações de uma época historicamente marcada pelas crises sociais. Mas isso não limita os diálogos interculturais. Ao contrário, quando tais diálogos aparecem em forma de representação literária, ocorre uma maior legitimação desses elementos culturais.

O narrador-personagem de *Coivara da memória* é o próprio personagem ocular da história, uma espécie de testemunha dos últimos dias do Engenho Murituba. O narrador, Garangó e o próprio Engenho Murituba são testemunhas de um ciclo econômico que chega ao fim: o da cana-de-açúcar. Além disso, a forma como essas relações interculturais estão bem colocadas na narrativa de *Coivara da memória* – especial e principalmente acrescidas do significativo episódio da morte do Coronel Tucão – apontam também para uma reflexão sobre as práticas sócio-culturais cristalizadas nas relações sociais como um todo.

Ainda dentro do contexto indivíduo/sociedade, Garangó representa o empregado rural coisificado, destituído de sua identidade e, conseqüentemente, colocado na condição de subclasse, ou seja, indivíduo marginalizado, cuja identidade lhe é negada e até subtraída. Dessa forma, “o significado da identidade de subclasse é a ausência de identidade, a abolição ou a negação da individualidade, do rosto” (BAUMAN, 2005, p. 46). Ainda na opinião do teórico, a subclasse é um grupo que teve a sua vida de sujeito reduzida à vida animal. Fazem parte desse grupo, entre outros indivíduos, os marginalizados, aqueles que, devido às circunstâncias e processo social injustos, não têm identidade.

Dentro desse contexto, insere-se o personagem Garangó, secundário na história narrada, secundário nas classes sociais representadas e secundário na vida e na rotina do Engenho Murituba. É bom lembrar que, no passado, Garangó foi perseguido por desafiar um antigo patrão; depois, passou a viver escondido e anônimo no Engenho Murituba, até o atual patrão lhe atribuir o nome Garangó: uma espécie estranha, uma criatura medonha, um bicho do mato. Com uma identidade imposta, assim vive esse personagem, assustando as crianças e intrigando a todos, com o seu aspecto feio, curvado e arredio.

A condição de Garangó é a mesma de tanto pobres coitados estigmatizados e excluídos por um processo social injusto, a ponto de sofrer um processo de zoomorfixação, pois não fala, balbucia pouquíssimas palavras e apenas emite ganidos. Garangó é um ser estranho, um indivíduo de ofício árduo, que transfere para o trabalho toda a energia negativa presa nas entranhas da própria alma. Assim, com a alma de sujeito ultrajado, Garangó alimenta a fornalha do Engenho Murituba e vive à terceira margem da existência, no espaço do abandono e do isolamento profundo. Também a simbologia do rio, ou, melhor, Rio-das-Paridas: rio e vilarejo presentes em *Coivara da memória* de Francisco Dantas, evidenciando a presença, a legitimação de um mundo rural também multifacetado, presente nessa recente produção literária.

3. CAIPORA: (DES)MISTIFICAÇÃO DE UMA LENDA DO INTERIOR SERGIPANO

Na terceira margem da existência, o personagem Garangó, de *Coivara da memória*, recebe o estigma de criatura danosa, ser sobrenatural, legítimo depositário das credences do Rio-das-Paridas, uma espécie de caipora. No sentido mais restrito desta lenda,

Caipora ou caapora é o gênio protetor dos animais da floresta [...] No Norte e no Nordeste o gênio é do sexo feminino e aparece sob forma de uma índia pequena e forte, doida por fumo e aguardente. Em outras regiões do Brasil, é um caboclo baixo e reforçado, coberto de pêlos, que surge montado num porco-do-mato ou caititu. No Sul, o caipora é um homem peludo e agigantado. O caipora ou caapora toma ainda outras formas (SANTOS, 1994, p. 55).

No sentido mais amplo das lendas presentes no interior sergipano e, conseqüentemente, no imaginário sócio-cultural das comunidades rurais, o caipora é uma espécie de ser mítico, que tira os sentidos das pessoas. Assim, para os indivíduos não serem pegos pelo caipora, eles têm que lhe dar fumo e bebida alcoólica. Então, nessas regiões interioranas e rurais, é comum as pessoas dizerem: Eu vi o caipora! O caipora vai lhe pegar! Fulano fuma como um caipora!

Dentro desse contexto conceitual e nas condições da narrativa de *Coivara da memória*, Garangó também é configurado como um ser lendário, aos olhos da comunidade local. Indivíduo estranho, que vive à beira da mata, representa uma lídima “visão do feitiço cabeludo que habitava aquele buraco” (DANTAS, 1996, p. 214), vigiando os animais da fazenda, é constantemente encontrado alcoolizado e cheirando a fumo.

Se, por um lado, Garangó é o alvo das credences dos indivíduos que o cercam e o consideram uma espécie de lobisomem “Cadê o homem poderoso que virava lobisomem, bicho entronchado e rabudo, nutrido a sangue dos meninos pagãos?” (DANTAS, 1996, p. 312), por outro lado, conserva as características do caipora, uma vez que “vigia a Mata do Balbibino” (DANTAS, 1996, p. 306), “arregaçava as gengivas, de onde pendia o cachimbo de barro” (DANTAS, 1996, p. 307) e, ainda, arrefecia-se com o novo ofício de responsável por manter a fornalha do Engenho Murituba acesa.

Posteriormente, Garangó é encontrado na tapera com as vísceras de fora; depois, agoniza por vários dias no Engenho Murituba, apodrece e sucumbe aos poucos, até morrer e virar definitivamente uma lenda.

Garangó virava mesmo alma-do-outro mundo, pois copo bichado ou emborrulado já não tinha. Não havia menino valente capaz de se aventurar a pôr os pés no ventre perigoso das notes abertas. Também os homens viviam cercados de medo, evitando os caminhos desolados, duvidando entre si dos pretextos que urdiam para justificar a morte do condenado. Achavam que o negro velho, aparecendo como visagem, vivendo e morrendo entre as labaredas, tinha trato com todos os demônios (DANTAS, 1996, p. 313-314).

O imaginário cultural do interior sergipano, mais precisamente dos povoados ou zonas rurais, assim como também ocorre em outras localidades, ainda conserva lendas e credences populares. Quando essa cultura aparece a nível de representação literária, a cultura popular deixa de ser, no sentido restrito, a marca de uma localidade e passa a ser, no sentido amplo, a representação literária de um registro cultural multiforme. Com isso, aparece “um espaço cultural híbrido que surge contingente e disjuntivamente na inscrição de signos da memória cultural” (BHABHA, 2007, p. 27), impregnados dos mais diversos e variados referenciais culturais.

Noutras palavras, o espaço cultural é um espaço transculturador no qual coexistem, convergem, ou ainda, encontram-se fragmentados, os elementos de várias culturas. Com isso, “transculturalismo ou transnacionalismo compreende as produções culturais como uma interligação” (CANCLINI, 1982, p. 26) um diálogo, uma “semiose cultural” (PAULINO, 2005, p. 15), de valores e hábitos culturais em contato e em constante movimento.

Dentro desse contexto, as manifestações culturais e as lendas de determinada localidade não conservarem mais a originalidade, com a qual foram concebidas, sendo, pois, híbridas. Ainda, na sociedade multifacetada, “a cultura não apenas representa a sociedade, cumpre também, dentro da necessidade de produção de sentido, a função de (re)elaborar as estruturas sociais e imaginar outras novas (CANCLINI, 1982, p. 30) e multiformes manifestações da cultura popular.

Nas condições dessa narrativa de Francisco Dantas, cultura multiforme e sociedade multifacetada aparecem tanto na figura de Garangó quanto na figura do narrador-personagem, autêntica testemunha de um mundo múltiplo e multifacetado esmaecido. Assim, embora Garangó seja rotulado de lobisomem, sua prática não corresponde a de um “indivíduo que se transforma em bicho à noite para se alimentar do sangue das pessoas” (SANTOS, 1994, p. 54).

Garangó apresenta todas as características do caipora, na medida em que sente um certo fascínio pelo fogo, pela cachaça e pelo fumo consumido. Todo o comportamento de Garangó representa uma legítima configuração de um sujeito cultural e, conseqüentemente, de uma cultura que congrega muitos e variados referenciais culturais.

Da mesma forma, o narrador de *Coivara da memória* é um sujeito de uma personalidade multifacetada e portador de uma cultura multiforme, na medida em que é através da própria memória e da queima desta – já que o termo *coivara* significa originalmente grande fogueira – que o próprio narrador recupera todo um mundo esmaecido de valores sócio-populares, nos quais ele se reconhece e dos quais, paradoxalmente, ele se afasta, ao repudiar certas práticas de poder.

É através da memória que o mesmo narrador de um lado se coloca dentro do caldeirão cultural do interior de Sergipe – ao viver os dias de menino de bagaceira, de engenho e de divulgador das lendas interioranas – do outro lado, contrapõe-se ao vício social do clientelismo cristalizado na figura do Coronel Tucão. Ainda, esse narrador é o indivíduo impregnado dos valores da *urbes*, recebidos no internato em Aracaju, capital sergipana. Enfim, a formação educacional torna-o ainda mais diferente na estrutura social da época e estimula-o a não aceitar os abusos de poder e a reivindicar a mudança e a punição aos adeptos da política do coronelismo, da qual o próprio pai é vítima:

Há um consenso, entre os velhos daqui, de que a morte do meu pai começou a ser pensada quando Tucão percebeu que aquele cabeça-dura não o ajudaria em suas falcatuas eleitorais. No penúltimo sábado que precedera à emboscada que o levou, Tucão fora ostensivamente ao Cartório onde se desentendeu com o Serventuário aos gritos por questão de meia dúzia de eleitores ilegais, que meu pai se recusava, a fazer (DANTAS, 1996, p. 271).

O narrador-personagem serve de voz para Garangó. Ao fazê-lo, configura-se como porta-voz de hábitos, de valores, de tradições, de memórias do interior sergipano e, conseqüentemente, divulgador dessa cultura que, pelo caráter nudibriador da memória, mistifica e desmistifica o surgimento dos seres lendários. Ao mistificar Garangó, este é apresentado como uma criatura sobrenatural que amedronta os meninos de Rio-das-Paridas. Ao desmistificar Garangó, a condição subumana desse personagem é revelada: um indivíduo escondido, sem nome, condenado à própria sorte, escondido, reduzido à margem social, na permanece e da qual sai apenas para virar lenda desmistificada, construída pela força das circunstâncias sócio-culturais.

De espingarda no ombro, socava-se na mata a caçar bichos do dia e da noite, muitas vezes pernoitando sob a copa das árvores, se prevalendo da lua cheia para espreitar de longe o próprio barraco, temeroso dos poderes dos homens. Solto no mato, ou embiocado na sua toca ao pé do fogo., Garangó passou a ser uma sombra que veio envelhecendo adensada pela solidão jamais embrandecida por qualquer vivente (DANTAS, 1996, p. 260).

4. CONCLUSÃO

Dentro desse contexto sócio-cultural, a narrativa de *Coivara da memória*, de certa forma, representa ao mesmo tempo os primeiros passos de uma tentativa de ruptura com os valores culturais constituídos e uma convergência com um modo de vida marginal e social legitimado, na medida em que tanto se liga à contestação de uma conduta e de uma cultura autoritária, quanto se veicula a uma paradoxal aceitação e desmistificação de uma híbrida tradição de lendas e superstições. A pequena tentativa de ruptura e a evidente convergência, no referido texto literário, são constituídas por um narrador que “se sente estranho, fora de casa, na fronteira movediça da casa e do mundo”(cf. BHABHA, 2007, p. 30), ou seja, dos valores híbridos e, ainda, do socialmente aceito e do individualmente inquirido, conquistado e contestado.

Com isso, nas condições da narrativa de *Coivara da memória*, o que chamaríamos de pequena ruptura é a posição de um indivíduo em relação às práticas políticas ultrapassadas, à concepção e à imposição do poder, as quais o narrador constantemente contesta, mediante uma postura e um comportamento transgressores. A convergência é a (re)construção de um universo cultural-popular autêntico, impregnado de lendas e superstições, donde brota o apego à família, às pessoas da região e aos valores sócio-culturais:

Perdido neste círculo de fogo e pedra onde se entrelaçam as idas e vindas de qualquer vivente, não vejo escapatória mais iluminada do que as maluquices de tio Burunga e as paixões de Lameu Carira, pedaços do roseiral de minha avó! Fora daí o que há são a sisudez de meu avô e os lamentos de Boi Menino, são as chagas de Garangó e a via-crucis de João Marreco, essas vozes que me comovem e me largam aqui sozinho, escavando as raízes da barriguda, sem me deixar sequer ilusões (DANTAS, 1996, p. 395).

Assim, na medida em que o passado é revisitado com os valores do presente, de um narrador que monta o mosaico de uma sociedade, a cultura também o é (re)visitada e (re)construída na linguagem. Com isso, Garangó é apresentado ao leitor como representante de lendas interioranas paulatinamente desmistificadas. Do tempo presente, o passado é analisado com os valores do próprio presente, ambas as instâncias temporais se convergem e compõem o instigante painel literário/cultural, em que “o quadrado de pedra é um retalho íntimo e rumoroso, onde lampejam réstias e murmúrios, avencas e urtigas”(DANTAS, 1996, p. 15).

O mosaico da existência de um sujeito e de uma cultura é montado e reconstruído a partir das lembranças de um narrador-personagem procurando o seu pertencimento cultural. Garangó é o empregado perseguido, o ser humano estigmatizado, o lobisomem, o caipora. Também um desses pertencimentos culturais. Nessa cultura é igualmente multifacetada, como o pertencimento do serventuário do cartório, a sociedade aparece configurada no sujeito reduzido, mas também nos costumes e nas lendas reconstruídos e desconstruídos de um povo, representado na figura do negrinho Garangó.

Coivara da memória é uma narrativa cuja estrutura em círculo – começo e fim encontram-se – representa a busca do sentido dessa cultura regional multifacetada, retirada do real, ora em preto e branco, ora no colorido das lendas e dos costumes que alimentam a imaginação popular. O narrador desse texto ficcional construído por Dantas recria Garangó nas suas lembranças. Com isso, apresenta-nos tanto o lendário quanto o humano estigmatizado, rotulado e anulado na sua individualidade, desmistificando lendas.

A interculturalidade completa-se nesse mosaico social, simbolizado no quadrado de pedras: as primeiras palavras da narrativa. A lenda do caipora e a realidade crua dos indivíduos descalços no chão massapé, rebaixados na dignidade e na condição humana, constituem o real representado, a realidade muitas vezes em tons preto e branco dos personagens de *Coivara da memória*. A desconstrução dessa lenda está no próprio processo de construção desta que, conforme mostramos, ocorreu pela força das circunstâncias sociais de um indivíduo condenado a viver à margem de um processo social injusto.

-
1. BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
 2. BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar na pós modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
 3. CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
 4. CANDIDO, Antonio. Literatura, espelho da América? In *Remate dos Males*: Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Editora Unicamp, 1999.
 5. CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo:Becca produções culturais,1999.
 6. DANTAS, Francisco J. C.. *Cabo Josino Viloso*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.
 7. DANTAS, Francisco J. C.. *Cartilha do silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
 8. DANTAS, Francisco J. C.. *Coivara da memória*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
 9. DANTAS, Francisco J. C.. *Os desvalidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
 10. DANTAS, Francisco J. C.. *Sob o peso das sombras*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.
 11. HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
 12. NUNES, Benedito. Paratexto. In: DANTAS, Francisco J. C. *Coivara da memória*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
 13. SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
 14. SANTOS, Theobaldo Miranda. *Lendas e mitos do Brasil*. São Pulo:Editora Nacional, 1994.